

DA PESSOA AO PROCESSO: a emergência do “dispositivo-Franciscus”¹ FROM THE PERSON TO THE PROCESS: The Emergence of the “Dispositive-Franciscus”

Moisés Sbardelotto²

Resumo: Desde sua eleição, o Papa Francisco pode ser entendido como um eixo gerador de processos comunicacionais sociais mais amplos, em complexidade crescente. É o que chamamos de “dispositivo-Franciscus”. Neste artigo, analisamos o contexto comunicacional contemporâneo, entendido a partir das lentes da midiáticação da religião. Em seguida, refletimos sobre o conceito de dispositivo e, especificamente, de “dispositivo-Franciscus”. Descrevemos e analisamos empiricamente alguns processos comunicacionais articulados em torno da pessoa do pontífice, desencadeados principalmente a partir da sua primeira aparição pública como sumo pontífice da Igreja Católica. Por fim, concluímos que a complexa articulação entre a comunicação pessoal do Papa Francisco, a comunicação institucional da Igreja, a comunicação midiático-industrial e a comunicação social em rede faz emergir tal dispositivo, que se converte hoje em um dos principais eixos para a comunicação sobre o catolicismo contemporâneo.

Palavras-Chave: Dispositivo. Midiáticação. Religião.

Abstract: Since his election, Pope Francis can be understood as a generator axis of broader social communication processes, in increasing complexity. This is what I call as “Franciscus-dispositive”. This paper analyzes the contemporary communicational context, understood from the lens of the mediatization of religion. Then, it reflects on the concept of dispositive and, specifically, of “Franciscus-dispositive”. It describes and empirically analyzes some communicational processes articulated around the person of the pontiff, triggered mainly from his first public appearance as the supreme pontiff of the Catholic Church. Finally, it concludes that the complex articulation between Pope Francis’ personal communication, the institutional communication of the Church, media-industrial communication and networked social communication gives rise to this dispositive, which today becomes one of the main axis for the communication about contemporary Catholicism.

Keywords: Dispositive. Mediatization. Religion.

1. Introdução

Em 2013, o mundo religioso – mas não só – foi abalado por dois eventos epocais. O primeiro deles, em fevereiro, foi o anúncio da renúncia do então Papa Bento XVI, algo inédito

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020

² Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos (RS). Professor-colaborador do PPG em Ciências da Comunicação da mesma instituição. E-mail: m.sbar@yahoo.com.br.

em toda a história da Igreja Católica Romana. Poucas semanas depois, em março, foi a vez do conclave dos cardeais que se reuniu e realizou uma eleição papal cujo resultado final foi marcado por inúmeros “ineditismos”: foi eleito o primeiro papa não europeu desde o ano 741, o primeiro papa latino-americano, o primeiro papa jesuíta – isto é, Jorge Mario Bergoglio, o então arcebispo de Buenos Aires. Mas o que mais sacudiu o mundo, religioso ou não, foi o nome, também inédito na história dos pontífices católicos, assumido por esse novo papa: *Franciscus*.

Adotar esse nome significava uma referência direta a um dos santos mais populares do catolicismo, São Francisco de Assis. Não à toa, tal santo é também conhecido como o “Pobrezinho de Assis”, dado o seu estilo de vida marcado pela pobreza, pela sobriedade, pela abnegação. Também é um santo reconhecido pela sua íntima relação com a natureza, tendo sido também o autor de uma das obras literárias mais famosas nesse âmbito, o “Cântico do Irmão Sol”. Segundo o novo papa, o nome foi escolhido logo após o fim da eleição, ainda no conclave, quando o cardeal brasileiro Claudio Hummes, frei menor franciscano e arcebispo emérito de São Paulo, parabenizou Bergoglio pela eleição e lhe disse: “Não se esqueça dos pobres!”. O pontífice recém-eleito, então, logo pensou em Francisco de Assis, “o homem da pobreza, o homem da paz, um homem que ama e cuida da criação”, como contou ele aos jornalistas poucos dias depois do conclave.

Para além das questões eclesiais propriamente ditas, a escolha desse nome, do ponto de vista comunicacional, foi uma verdadeira revolução – antes mesmo da primeira aparição pública do novo pontífice e de qualquer palavra por ele proferida. Tratava-se não apenas de uma nomenclatura, de um apelativo, mas sim de um verdadeiro “programa de governo” ou, melhor, de um “*programa comunicacional*” do novo papado, reatualizando “uma memória semântica que evoca simplicidade, pobreza, amor, contato” (SEDDA, 2017, p. 50, tradução nossa), mas, principalmente, novidade, ineditismo, surpresa. Tudo o que veio depois ao longo do pontificado – especialmente a construção social em torno do “modo de ser papa” – foi consequência, primeiramente, dessa escolha disruptiva de um nome que “dava nome” a um novo jeito de ser papa e de praticar o papado – e, portanto, a uma nova identidade para o próprio catolicismo mundial.

Com o passar do tempo, pôde-se perceber que a comunicação papal foi gerando processos comunicacionais sociais mais amplos e profundos, em complexidade crescente, marcada pela simbologia daquele nome. Seu estilo pessoal de se comunicar, somado aos

processos comunicacionais institucionais da instituição Igreja Católica e às práticas midiático-industriais e da sociedade em geral, conectada em redes comunicacionais, foi dando origem a processos articulados de comunicação propriamente “social”, que ressignificavam o catolicismo como um todo. É o que chamamos aqui de “dispositivo-*Franciscus*”, isto é, matrizes interacionais sociais decorrentes, constituídas e organizadas *em torno da/a partir da/sobre a comunicação papal*, para além daquilo que o Papa Francisco efetivamente comunique ou deixe de comunicar.

Neste artigo, analisaremos primeiramente o contexto comunicacional contemporâneo, entendido a partir das lentes da midiática da religião, no qual se insere os modos de ser e de interagir do Papa Francisco. Em seguida, aprofundaremos a reflexão sobre o conceito de dispositivo e, especificamente, de “dispositivo-*Franciscus*”. Com isso, poderemos descrever e analisar empiricamente alguns processos comunicacionais articulados em torno da pessoa do pontífice, de suas palavras e gestos, mas também para além deles, desencadeados principalmente a partir da sua primeira aparição pública como sumo pontífice da Igreja Católica. Por fim, concluímos que a complexa articulação entre a comunicação pessoal do Papa Francisco, a comunicação institucional da Igreja Católica, a comunicação midiático-industrial e a comunicação social em redes comunicacionais faz emergir o “dispositivo-*Franciscus*”, que se converte hoje em um dos principais eixos para a comunicação sobre o catolicismo na contemporaneidade.

2. Religião em mediação

Do ponto de vista da Igreja, a comunicação papal de Francisco é disruptiva. Com ações simples, “tão aparentemente espontâneas a ponto de fazer esquecer a sua densidade semiótica [...], Francisco penetra o mundo da comunicação justamente porque *age como se as mídias não existissem*” (SEDDA, 2017, p. 59, tradução nossa). Mas Francisco “age como se as mídias não existissem” não porque opta por ignorar conscientemente a ação midiática, mas talvez principalmente porque a sociedade contemporânea, incluindo as religiões e suas lideranças, experimentam o mundo “imersas” em um ambiente crescentemente midiático do qual se torna cada vez mais difícil perceber os limites e as fronteiras.

Nesse sentido, “é possível falar da mídia como um *locus* de compreensão da sociedade”, pois “a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia” (GOMES, 2008, p. 21). A mediação, por conseguinte, é “a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação

da realidade” (GOMES, 2008, p.30), por revelar a natureza comunicativa e comunicacional das culturas e das sociedades. E o “conteúdo” do fenômeno da midiática são os processos midiáticos, cada vez mais abrangentes, cada vez mais acelerados, cada vez mais diversificados.

A midiática abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiática. O ser humano é em midiática (GOMES, 2015, p. 53).

Entretanto, isso não significa que a midiática seja um fenômeno “midicêntrico”; ao contrário, é possível dizer que ela é metamidiática (GOMES, 2013), pois é a gênese de meios sociais que geram e são gerados socialmente a partir de meios midiáticos, e vice-versa, em complexidade crescente. O que a midiática revela é uma configuração social em que “não há processos lineares entre uma causa e um ‘efeito’; encontramos-nos frente a um emaranhado de circuitos de *feedback*” (VERÓN, 1997, p.15, tradução nossa) entre sociedade (indivíduos, grupos e instituições), tecnologias e sentidos. Pensar a midiática é pensar “a natureza da inter-relação entre as mudanças históricas na comunicação midiática e outros processos transformacionais” (HEPP, 2012, p. 38, trad. nossa), como os vividos pela Igreja Católica e pelo catolicismo em geral hoje.

Emerge, dessa forma, uma nova natureza organizacional da sociedade e também da religião, em que “noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidade” (FAUSTO NETO, 2005, p.3). Trata-se da “constituição de uma *ambiência mais ampla* que a mera focalização nos dispositivos tecnológicos de comunicação”, ou seja, um “*bios midiático* [...] que se forma com a sociedade da informação atual” (GOMES, 2015, p. 48, grifos nossos). E o caso do “dispositivo-*Franciscus*” é sinal e sintoma disso, pois permite compreender um processo de midiática da própria pessoa do papa, assim como um processo de midiática mais amplo e complexo, em que o papa é, ao mesmo tempo, *fonte e destino* de processos de sentido outros, no emaranhado das redes comunicacionais. Surge assim

um ambiente (que chamamos de sociedade em midiática) que configura para as pessoas um novo modo de ser no mundo, pelo qual os meios não mais são utilizados como instrumentos possibilitadores das relações pessoais, mas fazem parte da

autocompreensão social e individual. [...] cria-se um novo ambiente matriz que acaba por [condicionar] o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de sociedade em midiatização (GOMES, 2015, p.53).

Isso também diz respeito ao âmbito religioso. Entendidas as religiões como sistemas comunicacionais de relações simbólicas em torno do sagrado, e as mídias como sistemas comunicacionais de relações entre meios e práticas socioculturais, a interface mídias/religiões é um fenômeno *simbiótico*, marcado por processos significativamente comunicacionais. Pensar a midiatização da religião, portanto, não significa apenas perceber como as religiões hoje são “mediadas” pelas mídias contemporâneas ou como as práticas religiosas hoje vão sendo “midiaticamente” traduzidas. O processo de midiatização da religião é muito mais complexo do que a mediação religiosa ou midiática. Nos novos contextos de interação social,

as mídias podem ser, ao mesmo tempo, *fonte* de religião e espiritualidade, um *indicador* da mudança religiosa e espiritual e podem *estar articuladas com* as tendências religiosas e espirituais – *mudando a religião* mediante essas interações e *sendo mudadas por* essa relação (HOOVER, 2008, p.4, trad. nossa).

Nos processos comunicacionais envolvidos naquilo que aqui chamamos de “dispositivo-*Franciscus*”, o que percebemos é que

as relações entre o “mundo da vida” e o sagrado se estruturam e se articulam em torno de processos de experimentação tecno-simbólicos, aos quais se submetem rituais e liturgias, enquanto requisitos fundamentais para a produção da crença, hoje. Mergulhados em operações de contato, envoltos em uma ambiência de fluxos e de conexões, os indivíduos se veem diante de uma nova “economia do sensível” que gera os dispositivos e provisões mediante os quais se remetem ao sagrado (FAUSTO NETO, 2004, p. 10).

Nesse deslocamento, “o fenômeno midiático amplia a semântica cultural da religião, ultrapassando as próprias instituições religiosas e suas propostas de controle” (CARRANZA, 2011, p. 55), abrindo-se às múltiplas construções de sentido sociais em processos midiáticos, que, por sua vez, não estão dados de antemão, mas se constituem a partir de práticas religiosas locais.

Existe, portanto, “um lugar onde os domínios da ‘religião’ e da ‘mídia’, uma vez separados, agora se encontram e no qual novos sentidos, símbolos, práticas e significados da religião e do ‘religioso’ são constituídos e gerados” (HOOVER, 2013, p. 2). Esse “lugar” não é “topologicamente” detectável – trata-se, antes, de uma *interface*, de uma *ambiência*, de um *dispositivo*, que se atualiza e se presentifica onde quer que processos midiáticos e práticas religiosas se ponham mutuamente em tensão, hoje, cada vez mais marcados pelos processos da midiatização. Para isso, é preciso abandonar uma visão anacrônica fixada na natureza permanente, imutável e

definitiva do “religioso”, da religião e até das mídias, baseada apenas em instituições religiosas ou midiáticas, buscando perceber emergências religiosas e midiáticas nos meandros do social.

Por isso, é preciso atentar para “o que as várias formas e práticas de mediação religiosa e espiritual realmente *produzem*” (HOOVER, 2014, p. 200, tradução nossa). Ou seja, é importante perceber na religião, em sua interface com a midiatização, “o que é produzido pela prática, e não o que é pretendido por tradições e instituições” (ibid., 2013, p. 2).

Em nosso caso específico, a ambiência da midiatização não é apenas o conjunto ou a soma dos processos midiáticos a partir do papa ou sobre ele, mas sim uma entidade nova, dotada de qualidades específicas, que retroage sobre tais processos e sobre o próprio papa – ou seja, um *dispositivo*.

3. Predispondo o “dispositivo-*Franciscus*”

O “dispositivo-*Franciscus*”, como o entendemos, se inscreve, de modo amplo, no macroconceito de “dispositivo” trabalhado como eixo analítico em diversas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A noção remonta a Michel Foucault, que o definiu como

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244, grifo nosso).

Não nos cabe aqui fazer uma genealogia do conceito na filosofia foucaultiana, mas, resgatando sua relevância nos estudos socioantropológicos, nos apropriamos das suas ideias centrais, como a heterogeneidade e a interconexão dos elementos que compõem um dispositivo, que não estão dados de antemão, mas podem ser tecidos pelo observador. Nesse sentido, somamo-nos à especificidade do conceito trabalhada por Braga (2017a), que elabora o conceito de “dispositivo interacional”, isto é, uma “diversidade de matrizes socialmente elaboradas e em constante reelaboração – que de um modo ou outro a sociedade aciona para poder interagir” (p. 33).

Em nosso caso, seguindo a reflexão do autor, o “dispositivo-*Franciscus*” não diz respeito unicamente à pessoa do papa, a seus gestos e palavras, a suas modalidades comunicativas interpessoais ou midiáticas; trata-se de algo mais amplo e complexo, que envolve tanto a comunicação propriamente “do papa”, quanto os processos comunicacionais –

industriais, sociais, coletivos, individuais – “sobre o papa”, que estão aquém e que vão além da “sua” comunicação, convocando-a ou desdobrando-a.

Desse modo, podemos entender a comunicação papal como geradora de processos comunicacionais mais amplos e profundos, em complexidade crescente. O estilo pessoal de Francisco se comunicar – somado aos processos comunicacionais institucionais da instituição Igreja Católica e às práticas midiático-industriais e da sociedade em geral, conectada em redes comunicacionais – dá origem a processos articulados de comunicação propriamente “social”, que ressignificam o próprio catolicismo como um todo.

Assim, a especificidade do “dispositivo-*Franciscus*” é que tais matrizes interacionais e as interações sociais delas decorrentes são constituídas e organizadas *em torno da/a partir da/sobre* a comunicação papal. Para além daquilo que o Papa Francisco comunique ou deixe de comunicar, produz-se socialmente “uma grande quantidade de táticas-padrão, de modelos reconhecíveis, mas com grande plasticidade de reconhecimento, que podem ser chamados pelos participantes a serviço de sua comunicação” (BRAGA, 2017a, p. 33), assumindo como eixo articulador a comunicação papal. Entendido como dispositivo interacional, o “dispositivo-*Franciscus*” é “comunicacionalmente desenvolvido e culturalmente acionado para o exercício de episódios interacionais” (BRAGA, 2017a, p. 38) em torno da comunicação papal.

Também no dispositivo aqui analisado, nesse sentido, “o episódio interacional é o próprio dispositivo em momento de realização, caracterizado pela especificidade de seus elementos, seus objetivos e pelo sistema de relações comunicacionais constituído; modulado pelas circunstâncias de sua ocorrência singular” (BRAGA, 2017a, p. 38-39). Os episódios interacionais – articulados e catalisados pela comunicação papal – desencadeiam outros processos comunicacionais, em complexidade crescente. Analisar o “dispositivo-*Franciscus*” é buscar entender como ele se organiza social e praticamente “*como base para comunicação entre participantes* (em qualquer abrangência, número, dimensão ou processualidade” (BRAGA, 2017a, p. 39), ou seja, como a comunicação papal desencadeia e catalisa outros processos comunicacionais propriamente sociais.

Tais interações, contudo, se dão em redes comunicacionais complexas, exponencialmente abrangentes do ponto de vista social, que atravessam e são atravessadas por circuitos propriamente midiáticos, a começar pelas diversas mídias vaticanas, que, em muitos casos, são as primeiras a “revelar” ao mundo a comunicação papal. Ou ainda por parte de indivíduos comuns, autonomizados pelo processo de midiaticização, que também podem

construir sentidos sobre a pessoa do papa e sobre o catolicismo, externalizá-los e publicizá-los ao mundo inteiro, potencialmente, mediante conexões sociotécnicas diversas e heterogêneas. O “dispositivo-*Franciscus*”, por conseguinte, é um “processo de expansão e diversificação em relação a referências interacionais [como a comunicação papal] e circuitos mais estabelecidos [como as presenças midiáticas do papa ou as mídias vaticanas]” (BRAGA, 2017c, p. 140).

Nesse sentido, é relevante articular também o conceito de dispositivo trabalhado por Ferreira (2013) em sua especificidade “midiática”. Em nosso caso, o “dispositivo-*Franciscus*” não diz respeito unicamente à pessoa do papa, nem à sua mensagem, nem ao meio/mídia em que ele se comunica, mas sim a “um *lugar de inscrição* que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção e, ao mesmo tempo, passagem e meio” (p. 147, tradução e grifo nossos).

Trata-se, portanto, de uma “abstração do conjunto de relações” comunicacionais das quais a comunicação papal se explicita como eixo e fonte, envolvendo “as diversas economias (políticas, culturais, institucionais de diversos campos [como o religioso-católico], afetivas, intelectuais etc.) presentes nas interações” (idem, tradução nossa). Falar de “dispositivo-*Franciscus*” nos ajuda a compreender as processualidades das redes comunicacionais estabelecidas a partir da comunicação papal, que “incorporam vários processos circulares de comunicação, incluindo os receptores de diversos níveis, operando em redes” (FERREIRA, 2012, p. 256, tradução nossa).

Braga (2011, p. 5) sugere ainda outra característica do conceito, ao se referir à especificidade interacional de um dispositivo, a saber, a articulação de “determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação”. A comunicação papal, entendida como “dispositivo-*Franciscus*”, é um abrangente, heterogêneo e complexo “sistema de relações”, que possibilita “modos de fazer socialmente produzidos e tornados disponíveis” e que “se organizam social e praticamente *como base para comunicação entre participantes*” (ibid., p. 9-11).

Tal dispositivo emerge como “sistema abstrato descritível” (BRAGA, 2013, p. 168) a partir de nossas inferências como observadores, que, contudo, são articuladas a partir de relações e processos empiricamente identificáveis em ambientes comunicacionais específicos. Neste caso, a comunicação papal, a instituição religiosa, o aparato midiático-industrial e a sociedade em geral encontram-se embebidos hoje por competências de organização das possibilidades de construção social de sentido sobre o catolicismo, potencializadas por esse

dispositivo próprio, aqui chamado de “dispositivo-*Franciscus*”. Ou seja, a interação não se dá em uma zona “franca”, nem mediante operações “neutras”, mas sim marcadas por limites e possibilidades que moldam e condicionam as modalidades de construção de sentido nas redes comunicacionais.

Ações locais de interação a partir da ou sobre a comunicação papal, assim, constituem determinadas matrizes comunicacionais que caracterizam um dispositivo específico, e este, por sua vez, condiciona e molda aquelas ações, que solapam e assoreiam o próprio dispositivo (BRAGA, 2010). Desse modo, o “dispositivo-*Franciscus*” é constituído e também modificado social e comunicacionalmente. Se o dispositivo *dispõe a sociedade*, a sociedade também *dispõe os dispositivos*; e, por meio destes, a sociedade *se põe em relação com a realidade e a dispõe* – em uma relação complexa, inter-retroativa e indeterminada. Se a comunicação papal circula em redes comunicacionais, ela circula “disposta” em determinadas disposições socioculturais específicas; e é precisamente esse movimento de circulação que dispõe aquilo que emerge como dispositivo observado.

A partir da comunicação do papa e/ou sobre ela, em suma, emerge um sistema de relações de comunicação que se complexifica exponencialmente no processo de midiatização contemporâneo, que buscamos agora descrever e analisar.

4. Dispondo o “dispositivo-*Franciscus*”

A escolha do nome *Franciscus* encontrou sua primeira “encarnação” comunicacional explícita na primeira aparição e nas primeiras palavras do então novo papa, no dia 13 de março de 2013. Depois de a esperada fumaça branca sair pela chaminé da Capela Sistina, veio o tradicional anúncio “*Habemus papam*”, revelando ao mundo que havia sido eleito um novo pontífice e que o escolhido era Jorge Mario Bergoglio. E o mais surpreendente: que ele havia assumido como nome pontifício *Franciscus*, um nome papal inédito em toda a história.

Minutos depois, eis, então, que o recém-eleito pontífice romano aparece na varanda da Basílica de São Pedro, no Vaticano³. Diante da ovação da multidão ali presente, Francisco saúda simplesmente com um leve aceno com a mão direita, entre atônito, hesitante e emocionado. Ao microfone, em seguida, ele diz suas primeiras e históricas palavras: “*Fratelli e sorelle, buonasera*” (“Irmãos e irmãs, boa noite”). São palavras tão banais e pouco solenes à

³ O vídeo desse momento está disponível em <<https://youtu.be/fd5kNiBp1Lg>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

primeira vista, quanto extremamente densas e significativas, pois se subverte qualquer expectativa “realista”, de “côrte” (após papados mais “monárquicos” e “triumfais”, como os de João Paulo II e de Bento XVI), e se estabelece uma interação “tu a tu”, entre “irmãos e irmãs”. E é justamente nessas palavras, que instauram uma nova modalidade dialógica, e na escolha do nome que as precedeu que se explicita a potência comunicacional do Papa Francisco, que “dá sentido, concretude e credibilidade àquilo que o antecipou: *Franciscus*” (SEDDA, 2017, p. 50, tradução nossa). Pois isso confirma “a abertura de um campo de realidade semântica e sensível até aquele momento imprevisto” (ibid., p. 51, tradução nossa).

Logo após essas palavras, ele disse às pessoas ali presentes – e às milhões que acompanhavam mundialmente – que “começamos este caminho: bispo e povo”, um caminho de “fraternidade, de amor, de confiança”, juntos. E, em seguida, subverteu a tradicional bênção papal *Urbi et Orbi* (sobre a cidade e sobre o mundo): “E agora gostaria de dar a bênção, mas antes... antes, peço-lhes um favor: antes que o bispo abençoe o povo, *peço-lhes que rezem ao Senhor para que me abençoe*; a oração do povo, pedindo a bênção para o seu bispo. Façamos em silêncio essa oração de vocês por mim” (grifo nosso). E inclinou-se diante do povo.

Com esse gesto, Francisco reconheceu aquele “outro” multitudinário que estava à sua frente, pessoas diferentes dele mesmo, que também têm algo a oferecer, convocadas a serem “co-comunicadoras”, também e principalmente no silêncio orante. Estabelece-se um processo de comunicação que subverte até mesmo o jogo de câmeras do Centro Televisivo Vaticano: quem é o protagonista desses poucos instantes de silêncio? Em quem focar a imagem? O que vai acontecer em seguida?

Após outras palavras dirigidas à Igreja e ao mundo, ao encerrar a noite, Francisco disse um simples e natural “Boa noite e bom descanso!”. Assim conclui-se esse momento interacional papa-multidão estabelecendo uma comunicação direta e humana entre pessoas que compartilham os mesmos desejos e necessidades, como dormir e descansar.

A partir desses gestos “embrionários”, com o passar do tempo, “Francisco se revelou um ‘papa líder’, sujeito capaz de condicionar as visões éticas, políticas e sociais da sua contemporaneidade, as agendas temáticas das mídias e as expectativas em relação à Igreja” (LORUSSO, PEVERINI, 2017, p. 7, tradução nossa). Como apontam os autores, isso não se deveu, em primeiro lugar, a estratégias de comunicação midiática (das mídias vaticanas ou não), mas sim a uma “intrínseca, pessoal capacidade comunicativa de Bergoglio que conseguiu

tornar uma série de seus gestos cotidianos particularmente significativos, revalorizando ocasiões destinadas, caso contrário, a passar inobservadas” (idem, tradução nossa).

Aquele gesto, portanto, foi sinal e indício de um novo estilo comunicacional papal.

Encarnação da Instituição [Igreja Católica] e ao mesmo tempo instância de renovação da Instituição, o Papa Francisco reformula continuamente os códigos da etiqueta (discursiva e comportamental) papal, e, nessa contínua ação de recodificação está a sua grande “potência semiótica” (LORUSSO, PEVERINI, 2017, p. 8, tradução nossa).

Mas essa “potência semiótica” e comunicacional, por sua vez, em tempos de globalização, do ponto de vista sociocultural, e de mediação, do ponto de vista da comunicação, não seria tão “potente” sem a cobertura das mídias vaticanas, sem a repercussão dos demais grandes meios de comunicação e sem a circulação de vários interagentes em redes comunicacionais⁴, explicitadas, por exemplo, nos inúmeros *trending topics* relacionados à pessoa de Francisco, que subiram rapidamente no Twitter naqueles poucos minutos de apresentação pontifícia. Portanto, essa primeira aparição papal foi o indício de uma complexa articulação entre a comunicação pessoal do Papa Francisco, a comunicação institucional da Igreja Católica, a comunicação midiático-industrial e a comunicação social em redes comunicacionais.

Analisar aquilo que chamamos de “dispositivo-*Franciscus*”, desse modo, envolve a observação de um fenômeno marcado pela complexidade, “quer dizer, o imprevisto, acaso, iniciativa, decisão, consciência dos desvios e das transformações” (MORIN, 2008, p. 118). Poderíamos dizer que tal dispositivo se explicita em um universo extremamente variado e complexo de *ações comunicacionais do papa, sobre o papa e para além do papa*. E, em circulação, toda ação comunicacional se articula a outras ações comunicacionais de interagentes diversos (pessoas, grupos, instituições artefatos tecnológicos, construtos simbólicos etc.), fazendo emergir aquilo que chamamos de “dispositivo-*Franciscus*”.

⁴ Entendemos por redes comunicacionais um ecossistema de conexões entre ambientes comunicacionais diversos, não necessariamente digitais, “em que cada microssistema interage com os demais, afetando e sendo afetado, dando forma a um macrossistema conectivo” (SBARDELLOTTO, 2017, p. 260). Essas estruturas são compostas por processos de interconexão, inter-relação e interação entre diversas mídias e interagentes. Nenhuma mídia e nenhum dos interagentes é fundamental para a manutenção de uma rede comunicacional específica, e eles também só “existem” em rede enquanto se comunicam. São as redes comunicacionais que organizam as ações de comunicação em um dado contexto.

Vejam os alguns exemplos dessas ações comunicacionais que compõem as processualidades que aqui articulamos como “dispositivo-*Franciscus*”, com desdobramentos empíricos de “ações comunicacionais” ocorridas apenas em seu primeiro ano de papado. Primeiramente, temos algumas *ações comunicacionais interpessoais*, que se concretizam em gestos ou palavras cujo foco não era exclusivamente o da publicização midiática, mas sim, diretamente, a pessoa ou o grupo com quem o papa buscava se comunicar. Um exemplo foi o fato de Francisco ter pago a própria conta no albergue em que ficou hospedado durante o conclave, a Casa Santa Marta, e de ter ido embora no mesmo ônibus que os demais cardeais, gestos comuns, mas que inovam o imaginário papal pela sua simplicidade e singeleza. Os registros fotográficos desses dois momentos circularam o mundo, desencadeando processos comunicacionais diversos, gerando comparações entre o novo papa e outros líderes mundiais. Estabelece-se aí uma relação complexa entre o Serviço Fotográfico Vaticano, que gerou essas imagens quase de “bastidor” da vida papal, as mídias comerciais que ampliaram o alcance dessas fotos, e a sociedade conectada em redes comunicacionais diversas, que exponenciou a ressignificação de algo comum e corriqueiro como pagar a própria conta e andar de ônibus.

Ou ainda a primeira celebração do rito da Quinta-feira Santa por parte de Francisco, na qual ele lavou os pés de jovens detentos italianos, incluindo dois muçulmanos. Aqui também algo quase “íntimo” como esse rito religioso em particular, a partir do ineditismo do papa de convidar presidiários e membros de outras religiões, produziu um processo de circulação na sociedade que desdobrou os sentidos e a importância desse gesto. O papa age inovando o rito, mas também interage com pessoas concretas, que comunicam algo específico a partir de sua realidade de vida – jovens, detentos e de fé muçulmana –, gerando circuitos comunicacionais que se expandem e se complexificam a partir da cobertura midiática e das redes sociais digitais.

Da intimidade de um rito do lava-pés, podemos passar a outro nível de ação comunicacional interpessoal, como a janela aberta pelo papa dentro de um carro popular pelas ruas do Rio de Janeiro, em sua visita ao Brasil em 2013, para o desespero das equipes de segurança, ou também a escolha de um papamóvel sem vidros blindados (“Eu não poderia vir ver este povo que tem um coração tão grande atrás por uma caixa de vidro”, diria ele em entrevista). Tais ações comunicacionais do papa não são exclusividade sua, mas se somam a pessoas concretas que também interagem no processo, assim como elementos não humanos, como o carro popular e a janela aberta, que simbolizam realidades específicas (talvez imaginadas por Francisco), mas que se articulam de modo complexo em um processo de

construção social de sentido, que não é controlado pelo papa, mas se constitui e se efetiva em circulação.

Inserem-se aqui também os vários telefonemas diretos, sem passar por secretários ou telefonistas, a pessoas comuns que lhe enviaram cartas ou cuja situação lhe comoveu, como o irmão de um empresário italiano assassinado, ou uma mãe solteira que desistiu de abortar, ou uma jovem argentina vítima de estupro. Tudo isso só veio à tona porque as próprias pessoas decidiram publicizar aquilo que foi conversado com o papa na intimidade do telefonema, agindo, portanto, sobre a comunicação papal, dando-lhe novos sentidos e desdobramentos, seja por meio da grande mídia, seja em redes sociais digitais. O “dispositivo-*Franciscus*”, nestes casos, se atualiza como uma comunicação *sobre e para além* do papa, ressignificando a pessoa de Francisco e quase “subvertendo” seu papel como papa, pois agora são pessoas comuns que “dão voz pública” ao sumo pontífice.

Há também um conjunto de *ações comunicacionais midiáticas*, isto é, ações públicas e deliberadamente publicizadas por meios de comunicação diversos, que podem ser entendidas a partir da emergência do “dispositivo-*Franciscus*”. A primeira delas, apenas em seu primeiro ano como papa, foi o discurso, no dia 16 de março de 2013, aos representantes dos meios de comunicação do mundo inteiro que fizeram a cobertura do conclave. Diante de centenas de jornalistas de todo o mundo que acompanharam o desenrolar da eleição papal, desde a renúncia de Bento XVI até a escolha de José Mario Bergoglio, Francisco reconheceu que os meios de comunicação se tornaram “indispensáveis para narrar ao mundo os acontecimentos da história contemporânea”. Para além de seu discurso, um gesto de extrema importância ao fim da audiência gerou grande repercussão. O protocolo dizia que, terminado o encontro, o papa deveria conceder a sua bênção aos presentes traçando o Sinal da Cruz. Mas Francisco surpreendeu ao afirmar: “Como muitos de vocês não pertencem à Igreja Católica e outros não são crentes, de coração eu dou esta bênção *em silêncio*, a cada um de vocês, *respeitando a consciência de cada um*, mas sabendo que cada um de vocês é filho de Deus. Que Deus os abençoe!”. E simplesmente levantou a mão direita para se despedir.

Assim, somando gesto e ação, Francisco reiterou a necessidade de reconhecer a existência de um “outro”, que é totalmente diferente, que não compartilha necessariamente tudo o que se é e se pensa, mas que merece o mesmo respeito de “filho de Deus” – e que, naquele momento em particular – *agiu também sobre a comunicação papal*. Foi por causa da existência concreta daquelas pessoas, igualmente agentes daquele processo de comunicação

específico, que Francisco agiu daquele modo, atualizando o “dispositivo-*Franciscus*” nessa modalidade própria.

Também se enquadram aqui os tuítes frequentes postados por ele na conta oficial @Pontifex (em suas várias expressões idiomáticas) e o seu reconhecimento pelo estudo *Twiplomacy* como o líder mundial mais influente e o segundo mais seguido no Twitter em 2013 (atrás apenas de Barack Obama). É somente a partir da interação com seus seguidores que a sua influência (a média entre tuítes papais e retuítes dos demais usuários) e o seu “seguimento” (número de pessoas que seguem a conta papal) podem ser avaliados positivamente. Para além daquilo que o papa escreve, é a interação com seus seguidores no ambiente específico do Twitter que dá essa forma específica ao “dispositivo-*Franciscus*”.

Outro momento-chave de atualização do “dispositivo-*Franciscus*” no primeiro ano de pontificado foi a carta aberta endereçada pelo papa ao diretor-fundador do jornal italiano *La Repubblica*, o jornalista Eugenio Scalfari. Personalidade proeminente da *intelligentsia* italiana e ateu assumido, Scalfari trava uma luta histórica em defesa da laicidade do Estado, tendo sido deputado pelo Partido Socialista Italiano e fundador de um dos principais jornais italianos. Em diversas ocasiões, ele escreveu cartas abertas a Bento XVI e, em 2013, dois artigos dirigidos pessoalmente a Francisco, questionando – às vezes asperamente – alguns ensinamentos e posicionamentos da Igreja. Em um gesto histórico e sem precedentes, Francisco respondeu ao jornalista com uma carta aberta, publicada no mesmo jornal. Nela, o pontífice afirmou que “chegou agora o tempo (...) de um diálogo aberto e sem preconceitos que reabra as portas para um sério e fecundo encontro” entre a Igreja e a cultura contemporânea. Para poder estabelecer tal diálogo, segundo Francisco, é preciso reconhecer a verdade não a partir de sua dualidade absoluta/relativa, mas sim como *relacional*: para a fé cristã, a verdade é “o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação!”, escreveu. Só a partir desse reconhecimento é possível estabelecer um “diálogo sereno e construtivo” com a cultura, continuou Francisco, sem aprioris que o engessem e o transformem em monólogo. Na conclusão da carta, o papa convidou o jornalista a acolher as suas reflexões “como a *resposta tentativa e provisória*, mas sincera e confiante, ao convite de fazer um trecho de estrada juntos”.

O “dispositivo-*Franciscus*” aqui encontra uma atualização bastante complexa, articulando uma conversa a dois que se publiciza em um jornal e se exponencia nas interações sociais em diversas redes comunicacionais, ganhando repercussão mundial. O papa age, inovadoramente, respondendo com uma carta a um jornalista abertamente ateu. Ou, melhor, o

papa *interage*, porque foi Scalfari quem tomou a iniciativa de lhe escrever direta e publicamente nas páginas do seu jornal.

Enfim, com muitos gestos e palavras, já no seu primeiro ano de pontificado, Francisco foi revolucionando a comunicação da figura papal e da própria Igreja. Mas nunca o fez sozinho, ao contrário, sempre *interagindo* de modo complexo com agentes humanos e não humanos, constituindo expressões específicas de uma matriz interacional perceptível no conjunto de tais ações comunicacionais, o que aqui chamamos de “dispositivo-*Franciscus*”.

Portanto, a escolha desse nome papal e a primeira aparição de Francisco foram um momento “genésico” e matricial de processos comunicacionais posteriores, articulados em torno da pessoa do pontífice, de suas palavras e gestos, mas também para além deles, que vão ressignificando, até hoje, em um nível mais geral, o próprio catolicismo contemporâneo.

Os sujeitos são sempre sujeitos e corpos sociais – e isso é ainda mais verdadeiro para um pontífice, que é ao mesmo tempo homem individuado e encarnação da Instituição, singularidade e totalidade. Os discursos *do* Papa Francisco circulam junto com os discursos *sobre* o Papa Francisco, e juntos, na sua reação recíproca, fazem sentido (LORUSSO, PEVERINI, 2017, p. 9, tradução nossa).

O “dispositivo-*Franciscus*” é precisamente essa articulação entre a comunicação papal e a comunicação sobre o papa, aquela “trama de relações das quais o Papa Francisco é sinal – nó sensível e semântico, *produto e produtor de uma diferença que produz outra diferença*” (SEDDA, 2017, p. 49, tradução e grifo nossos).

Por outro lado, a própria comunicação papal não nasce *ab ovo*, mas é marcada por uma “incidência retroativa”, em que o próprio papa aciona interações a partir de respostas que pretende, espera ou recebe (BRAGA, 2017b, p. 49). O “dispositivo-*Franciscus*” se constitui e se organiza *em circulação* e, por outro lado, tal dispositivo pode ser entendido como um “ponto nodal da circulação” (BRAGA, 2017b, p. 53). Sob esse ponto de vista, o próprio papa é

um enunciador enunciado dentro de um discurso que foi pré-ordenado por outros. O quanto o papa assume como seu o discurso que as várias mídias [e indivíduos midiáticos] fazem dele é, neste ponto, um problema delicado: como ele não parece projetar, ou coordenar, estrategicamente o discurso público que outros fazem sobre ele, a força midiática desse papa reside no fim, pelo menos em parte, na *defasagem entre a própria enunciação de si e a enunciação que as mídias* [e, talvez até de modo mais importante, a sociedade em midiáticação] *fazem dele* (POZZATO, 2017, p. 36, tradução nossa).

Em outras palavras, é possível dizer que, nos processos comunicacionais envolvidos no “dispositivo-*Franciscus*”, a própria identidade do Papa Francisco

vive em uma dimensão social que é multidimensional e pluridiscursiva. Isto é, não existe uma identidade ontológica que precede à imersão, o condicionamento e a construção social que a identificam, a definem, a diferenciam das outras identidades em circulação. Por isso [...] todo sujeito é feito das práticas discursivas que lhe dizem respeito e o posicionam. [...] Se a identidade social de um sujeito é feita também pelos discursos que circulam sobre ele, então também adquirem destaque os textos em circulação que têm o papa como objeto. Certamente, não se trata da comunicação *do* papa, porque ele não é o seu responsável, mas fazem parte dos discursos que vão definir a identidade desse sujeito social (LORUSSO, 2017, p. 179, tradução nossa).

Assim, nem o papa nem a comunicação papal podem ser consideradas como um “ponto central” para a observação das processualidades da midiaticização do catolicismo. É preciso complexificar o olhar, analisando os discursos sociais em circulação sobre e a partir do papa. Isso, porém, não ocorre espontaneamente, mas sim mediante a emergência de um dispositivo, como aqui o entendemos, que se transforma em “ponto nodal em circuitos sociais de comunicação – captando e selecionando materiais de diferentes circuitos; realizando seleções e agenciamentos próprios e dinamizando e direcionando novas interações e circuitos a jusante” (BRAGA, 2017c, p. 142-143), em um espaço de fronteira e interface no cruzamento de circuitos e sentidos diversos.

5. Conclusões

Ao nos propormos refletir sobre a construção social e a emergência comunicacional de um “dispositivo-*Franciscus*”, na articulação entre a comunicação pessoal do Papa Francisco, a comunicação institucional da Igreja Católica, a comunicação midiático-industrial e a comunicação propriamente social em redes comunicacionais, podemos perceber elementos que apontam para a construção e circulação de sentidos no processo de midiaticização das sociedades contemporâneas. Francisco, pessoalmente, desencadeia um processo de comunicação que retroage sobre ele mesmo – a partir de novas comunicações “sociais” em sentido amplo –, mediante *uma diferença que gera diferença que gera diferença, de uma comunicação que gera comunicação que gera comunicação*: a origem e o destino daquilo que aqui chamamos de “dispositivo-*Franciscus*”.

A complexa articulação entre as várias ações comunicacionais do Papa Francisco, sobre ele e para além dele, faz emergir um dispositivo próprio, o “dispositivo-*Franciscus*”, entendido

como um sistema abrangente, heterogêneo e complexo de relações socialmente produzido e culturalmente organizado como um dos principais eixos para a comunicação sobre o catolicismo na contemporaneidade. Tal dispositivo se constitui na inter-relação entre a comunicação “do Papa Francisco” propriamente dita, seus gestos e palavras, e suas modalidades comunicativas interpessoais e midiáticas, assim como os processos comunicacionais “sobre o papa”, que estão aquém e que vão além da “sua” comunicação. Com isso, ele se torna também gerador de processos comunicacionais complexos catalisados pela circulação em redes comunicacionais.

O “dispositivo-*Franciscus*”, portanto, constitui e é constituído por matrizes interacionais e por interações sociais organizadas em torno da/a partir da/sobre a comunicação papal, articulando vários circuitos na complexidade da circulação do catolicismo no processo de mediação contemporânea. Desse modo, a comunicação papal, a instituição religiosa Igreja Católica, o âmbito midiático-industrial e a sociedade em geral encontram-se, todos eles, embebidos hoje por competências de organização das possibilidades de construção social de sentido sobre o catolicismo, potencializadas por um dispositivo próprio, aqui chamado de “dispositivo-*Franciscus*”. Os frutos e desdobramentos dessas processualidades, em sua complexidade, são sempre indeterminados e imponderáveis, demandando um acurado acompanhamento, observação e análise para o seu reconhecimento e também para a compreensão dos caminhos da expressão religiosa hoje, entendida como fenômeno comunicacional.

Referências

- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, jan.-jun. 2010, p. 41-54.
- _____. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós** (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011a, p. 1-33. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- _____. Dispositivos interacionais. In: **Anais do Encontro da Compós**, 20, Porto Alegre, 2011b. Disponível em: <<http://migre.me/a2lp6>>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- _____. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, J. L. et al. (orgs.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, 2013, p. 156-171.

- _____. Dispositivos interacionais. In: BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (orgs). **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: Eduepb, 2017a, p. 17-42.
- _____. Circuitos de comunicação. In: BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (orgs). **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: Eduepb, 2017b, p. 43-64.
- _____. Suíte nº 2. In: BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (orgs). **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: Eduepb, 2017c, p. 137-144.
- CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- FAUSTO NETO, Antonio. A Igreja Doméstica: Estratégias Televisivas de Construção de Novas Religiosidades. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, nº 7, 2004.
- _____. Mídiação, Prática Social – Prática de Sentido. In: **Anais do Seminário sobre Mídiação**, São Leopoldo, 2005.
- FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L. et al. (orgs.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, 2013, p. 140-155.
- _____. ¿Qué cultura se configura con los dispositivos digitales? Inferencias a partir de casos investigados desde el enfoque de la mediatización a partir de la Web 2.0. In: CEDAL. **Cultura Digital en América Latina: investigación interuniversitaria Educación y Evangelización**. Bogotá: CEDAL, 2012, p. 250-269.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder – conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. **Micro-física do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000, p. 69-78.
- GOMES, Pedro Gilberto. O processo de mídiação da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.). **Mídiação e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008, p.17-30.
- _____. Como o processo de mídiação (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais? In: BRAGA, J. L. et al. (orgs.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, 2013, p. 127-139.
- _____. Mídiação: um conceito, múltiplas vozes. In: FAUSTO NETO, A. et.al. (orgs.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario: UNR Editora, 2015, p. 33-54.
- HEPP, Andreas. **Cultures of Mediatization**. Cambridge: Polity, 2012.
- HOOVER, Stewart M. **Media and Religion: White Paper from The Center for Media, Religion, and Culture**. Boulder: University of Colorado, 2008.
- _____. **Estabelecendo um estudo global em mídia e religião**. São Leopoldo, 11 a 15 mar. 2013a. Informação retirada dos subsídios do Seminário Estudo Global em Mídia e Religião, do PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.
- _____. Media, Culture, and the Imagination of Religion. In: CHRISTIANS, C.; NORDENSTRENG, K. (orgs.). **Communication Theories in a Multicultural World**. New York: Peter Lang, 2014, p. 197-212.
- LORUSSO, Anna Maria. Attraverso lo schermo: visioni papali. In: LORUSSO, A. M.; PEVERINI, P. (orgs.). **Il racconto di Francesco: la comunicazione del Papa nell'era della connessione globale**. Roma: LUISS University Press, 2017, pp. 179-199.
- LORUSSO, Anna Maria; PEVERINI, Paolo (orgs.). **Il racconto di Francesco: la comunicazione del Papa nell'era della connessione globale**. Roma: LUISS University Press, 2017.
- LORUSSO, Anna Maria; PEVERINI, Paolo. Introduzione. In: LORUSSO, A. M.; PEVERINI, P. (orgs.). **Il racconto di Francesco: la comunicazione del Papa nell'era della connessione globale**. Roma: LUISS University Press, 2017, pp. 7-12.
- MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- POZZATO, Maria Pia. Dono e ironia. Aspetti paradossali nella comunicazione di Papa Francesco. In: LORUSSO, A. M.; PEVERINI, P. (orgs.). **Il racconto di Francesco: la comunicazione del Papa nell'era della connessione globale**. Roma: LUISS University Press, 2017, pp. 23-48.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez bit**: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2012.

_____. **E o Verbo se fez rede**: religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

SEDDA, Franciscu. Impredibile *Franciscus*. In: LORUSSO, A. M.; PEVERINI, P. (orgs.). **Il racconto di Francesco**: la comunicazione del Papa nell'era della connessione globale. Roma: LUISS University Press, 2017, pp. 49-74.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 48, 1997, p. 9-17.